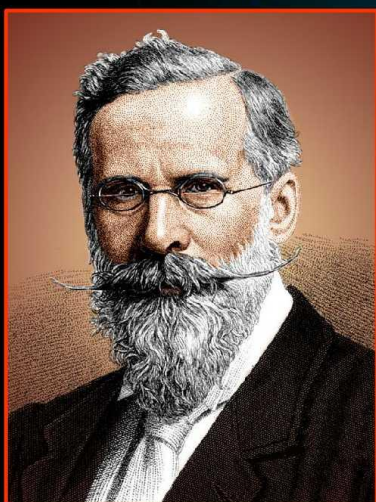
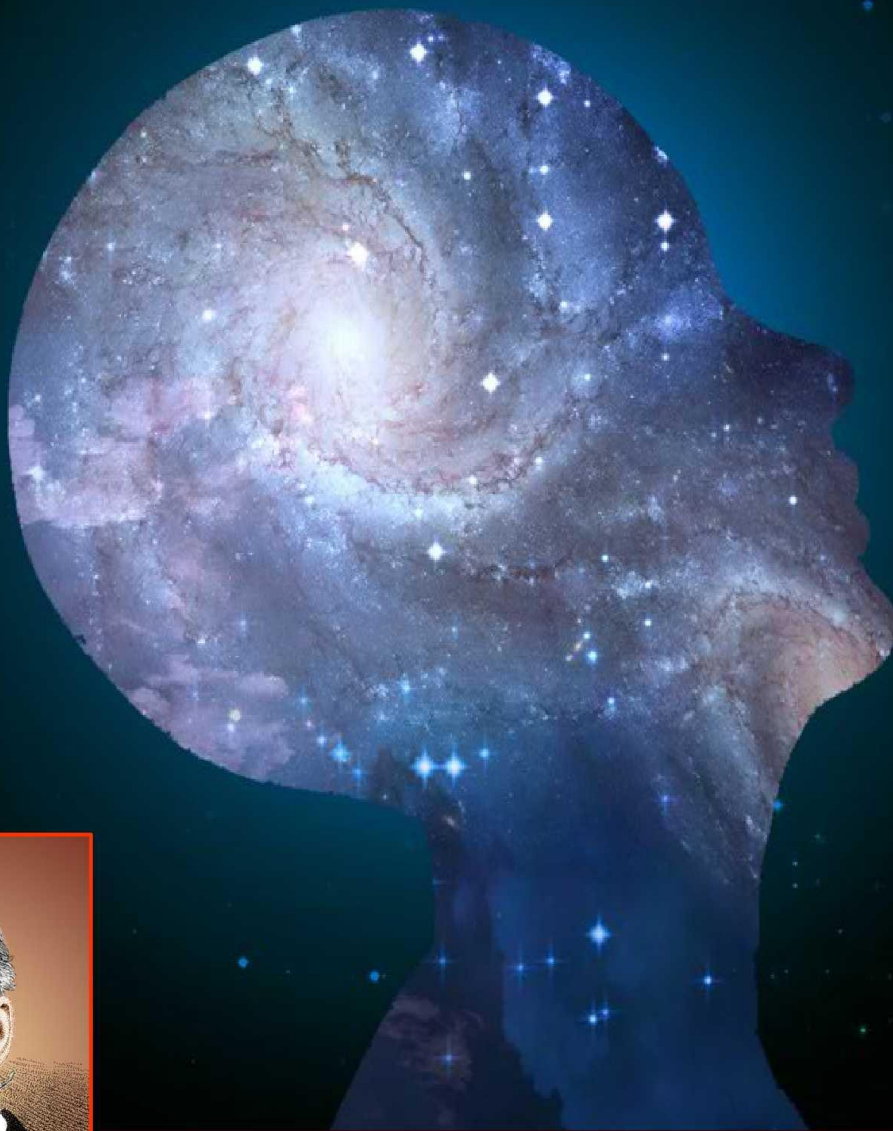


DISCURSOS RECENTES SOBRE AS

PESQUISAS PSÍQUICAS



LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

William Crookes

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Digite seu texto

**DISCURSOS RECENTES SOBRE
AS PESQUISAS PSÍQUICAS**

William Crookes

Obra original:

Discours Récents sur les Recherches Psychiques

P.-G. Leymarie Éditeur, Paris, 1903

Tradução para o francês:

M. Sage

Tradução para o português:

Fabiana Rangel

Revisão:

Irmãos W / Jorge Hessen

Versão digitalizada:

2018

Distribuição:

***Autores Espíritos Clássicos e
Portal Luz Espírita***



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespirita.org.br

William Crookes

DISCURSOS RECENTES SOBRE
AS PESQUISAS PSÍQUICAS

(Discours Récents sur les
Recherches Psychiques)

P.-G. Leymarie Éditeur
42, Rue Saint-Jacques - Paris

1903

Foi no ano de 1898, que Sir William Crookes, em seu discurso de posse na presidência da British Association for the Advancement of Science (Associação Britânica pelo Avanço da Ciência), afirmou:

"Já se passaram trinta anos desde que publiquei um relatório dos experimentos tendentes a mostrar que fora de nosso conhecimento científico existe uma Força utilizada por inteligências que diferem da comum inteligência dos mortais... Nada tenho a me retratar. Confirmo minhas declarações já publicadas. Na verdade, muito teria que acrescentar a isto."

E numa entrevista na *The International Psychic Gazette*, em 1917, Sir William Crookes pronunciou:

"Nunca tive jamais qualquer ocasião para modificar minhas ideias a respeito. Estou perfeitamente satisfeito com o que eu disse nos primeiros dias. É absolutamente verdadeiro que uma conexão foi estabelecida entre este mundo e o outro."

(Fodor, N. - *Encyclopaedia of Psychic Science*, U.S.A.: University Books, 1974, p.70).



IMAGEM 01

A foto mostra o Rspírito de Katie King junto do cientista Sir William Crookes. Esta foto ele jamais permitiu fosse divulgada. Nela vê-se o verso que o sábio escreveu sensibilizado pela beleza do Espírito Katie King materializado.

"Numa sessão realizada ontem à noite Hackney (Londres, 29 de março de 1874). Katie nunca apareceu com tão grande perfeição. Durante perto de duas horas passeou na sala, conversando familiarmente com os que estavam presentes. Várias vezes tomou-me o braço, andando, e a impressão sentida por mim era a de uma mulher viva que se achava a meu lado, e não de um visitante do outro mundo; essa impressão foi tão forte que a tentação de repetir uma nova e curiosa experiência tornou-se-me quase irresistível."

Índice

Prefácio - por Jorge Hessen — pag. 7

Introdução - por M. Sage — pag. 12

Discurso diante da Sociedade para as Pesquisas psíquicas em 29 de janeiro de 1897 - por sir William Crookes, presidente — pag. 16

Fragmento do discurso proferido em 1898, em Bristol no Congresso da Associação Britânica pelo avanço das ciências - por Sir William Crookes presidente — pag. 46

Bibliografia — pag. 54

Prefácio

William Crookes foi um notável físico e químico britânico que, tendo sido membro da Sociedade Real de Ciências (Royal Society) dela foi presidente. Diante dos extraordinários fenômenos que deram origem ao Espiritualismo Moderno, se viu na necessidade de averiguar a veracidade das supostas manifestações espirituais e dar um posicionamento acadêmico. Crookes investigou pessoalmente os mais célebres médiuns de seu tempo, sob as condições de pesquisa por ele estabelecidas — conforme os mais rigorosos métodos da ciência — e, por conclusão, ele constatou a “existência de uma nova força, conectada com o organismo humano de alguma maneira desconhecida”.

O relatório final de sua pesquisa acerca da mediunidade foi rechaçado na Sociedade Real e acabou arquivado. Cogitou-se inclusive a desfiliação de Crookes daquela entidade. Contudo, seu testemunho permaneceu inabalado até o fim de sua encarnação, pelo que seu nome é lembrado como um emérito contribuinte da causa espiritual e, ainda que indiretamente, do Espiritismo.

Começou suas experiências famosas com Daniel Dunglas Home; depois a ele foi proporcionado observar de muito perto fenômenos ainda mais surpreendentes, por intermédio da

srta. Florence Cook, que, mais tarde, tornou-se sra. Corner.

“Não falar de minhas experiências psíquicas seria uma covardia, e eu não me disponho a isso”; dizia Crookes a Bristol diante do Congresso da Associação Britânica pelo avanço das Ciências.

No dia 29 de janeiro de 1897, Crookes fez o seguinte pronunciamento diante da Sociedade para Pesquisas Psíquicas do qual presidia:

“Tenho consciência de que uma grande responsabilidade pesa sobre mim ao pronunciar um discurso, com a autoridade que confere o título de presidente, sobre uma ciência que, ainda que apenas iniciante, parece-me ser tão importante quanto qualquer outra ciência. As pesquisas psíquicas, tais como procuramos compreender aqui, são o embrião de algo que com o tempo pode chegar a dominar o mundo inteiro do pensamento.

“Dirigirei de início aos que, como eu, creem que a individualidade humana sobrevive à morte. Eu não posso deixar de acreditar que a Matéria, a Forma, o Espaço não são mais do que condições temporárias da vida presente. É difícil conceber seres espirituais tendo um corpo como o nosso, condicionado pela atração terrestre, com órgãos que supõem a necessidade de alimento e de evacuar a matéria.

“Nós fornecemos provas experimentais contundentes, mas poucos intelectuais ousaram repetir nossas experiências. Nós reunimos montanhas de observações de casos espontâneos, tal como aparições no momento da morte; mas, todas essas provas não produziram no mundo científico mais do que a impressão de provas bem menos cautelosas reunidas e bem menos coerentes que as produzidas em outros casos.

Não somente não refutou nossas provas, sequer as examinaram.

“Ficarei contente se conseguir tirar algumas pedras de tropeço científicos, se eu puder assim me expressar, que tendem a impedir colaboradores eventuais de se aventurarem sobre essa nova e ilimitada rota. Eu não vejo razão para que um homem de ciência feche os olhos para os nossos trabalhos e os descarte deliberadamente.

“Eu ousou afirmar que tanto pelo registro cauteloso de fatos novos e importantes quanto pelo interesse que esses fatos oferecem, os trabalhos e as publicações de nossa Sociedade formarão o prefácio inestimável de uma ciência mais profunda que nenhuma daquelas a que esse planeta já viu eclodir, tanto pelo conhecimento do homem quanto pelo da natureza e de outros mundos dos quais ainda não temos nenhuma ideia.”

Um ano após, em 1898, Crookes fez o célebre discurso em Bristol, no Congresso da Associação Britânica pelo avanço das ciências do qual presidia:

“Trinta anos se passaram desde que eu publiquei os relatos de experiências, procurando demonstrar que existe uma força utilizada por Inteligências outras que não as ordinárias Inteligências humanas. Esse episódio de minha vida é naturalmente bem conhecido dos que me deram a honra de ser convidado a me tornar seu presidente.

“Não tenho o direito de insistir aqui sobre uma matéria ainda sujeita a controvérsias, sobre uma matéria que, como Wallace¹, Logde², Barret³ já mostraram, não chama a atenção

¹ **Menção a Alfred Russel Wallace** (1826-1913), respeitado naturalista, geógrafo, biólogo e antropólogo britânico — Nota desta Edição.

² **Oliver Lodge** (1851-1940) notável físico inglês — N. E.

da maioria dos intelectuais, meus colegas, ainda que ela seja nem um pouco indigna de discussões de congressos como este.

“Não tenho nada a retratar. Eu afirmo minhas declarações já publicadas. Eu poderia mesmo acrescentar um bocado a elas. Em suas primeiras exposições, eu não me arrependo senão de uma certa imaturidade que, sem dúvida por direito, foi uma das causas pelas quais o mundo científico negou aceitá-las.

“Hoje eu creio que eu vejo um pouco mais longe. Eu entrevejo uma certa coerência nesses fenômenos estranhos e frustrantes. Se eu apresentasse hoje pela primeira vez essas pesquisas ao mundo científico, eu escolheria um ponto de partida diferente do que escolhi outrora. Seria bom começar pela telepatia, colocando, isso que creio ser uma lei fundamental, que os pensamentos e as imagens podem ser transportadas de um espírito a outro sem o recurso de órgãos do sentido, que os conhecimentos podem penetrar no espírito humano sem passar por nenhum dos caminhos até hoje conhecidos.

“Se a telepatia existe, nós estamos na presença de dois fatos físicos: uma mudança física produzida no cérebro de A, o sujeito sugestionador, e uma mudança física análoga produzida no cérebro de B, o sujeito receptor da sugestão. Sabe-se que a ação do pensamento é acompanhada por alguns movimentos moleculares no cérebro e aqui nós temos as vibrações físicas capazes, por sua extrema pequenez, de agir diretamente sobre cada molécula, uma vez que sua rapidez se aproxima daquela dos movimentos internos e externos dos próprios átomos. Os fenômenos telepáticos são confirmados

³ **William Barret** (1844-1925) inglês e conhecido pesquisador dos fenômenos psíquicos — N. E.

por muitas experiências convergentes e por inúmeros fatos espontâneos que não se pode explicar de outro modo.

“Ao mesmo tempo, nosso conhecimento dos fatos dessa obscura região aumenta bastante devido aos trabalhadores de outros lugares. Para citar apenas alguns nomes entre um grande número, os trabalhos de Richet, de Pierre Janet na França, de Breuer e Freud na Áustria, de William James na América, mostraram de maneira chocante a que ponto uma paciente experimentação podia aprofundar operações subconscientes e nos fazer compreender as segundas personalidades e os estados anormais.

“Nos velhos tempos egípcios, uma inscrição bem conhecida foi gravada acima do portal do templo de Isis: “Eu sou tudo o que foi, é ou será; e nenhum homem ainda elevou meu véu”. Firmemente, sem flexionar, esforçamo-nos para penetrar o coração dessa natureza, de saber o que ela foi e prever o que ela será. Elevamos já muitos véus e a cada novo véu que cai, sua face nos parece mais bela, mais augusta, mais maravilhosa.”

Brasília (DF) 15 de dezembro de 2017

Jorge Hessen

Introdução

Eu não tenho a audácia de apresentar Sir William Crookes aos leitores. Ele é um dos contemporâneos mais conhecidos e mais digno de sê-lo no mundo inadequadamente qualificado de civilizado, como se nosso planeta já tivesse tido uma civilização em algum lugar. Em todo caso, William Crookes é um desses homens, desses enviados talvez, que facilitam um pouco o terreno onde mais tarde crescerão civilizações.

Entretanto, eu quero dizer duas palavras sobre seu papel nas pesquisas psíquicas para os leitores que não tenham bem claro na memória esse papel.

Por volta de 1870 o “espiritualismo moderno”, eclodido na América, tinha depois de um certo tempo cruzado o Atlântico e os fenômenos que experimentaram, intrigavam bastante a Inglaterra, mexendo muitas cabeças, ameaçando situações dadas e suscitando grande cólera. Os homens de religião excomungaram, sem grande segurança sobre o resto, e todo o mundo, como ainda hoje, voltou-se para a Ciência, não para investigar a verdade qualquer que seja ela, mas para execrar essa “nova e perigosa superstição”: em geral, as velhas superstições não gostam das novas. A Sociedade Dialética partiu para a guerra e abriu uma pesquisa que foi ruim para os adversários do psiquismo nascente. O público que tinha

demandado esta enquete não quis aceitar as conclusões dela. Acima de outros sábios ingleses elevava-se já a figura de Crookes, ainda jovem. Tinha-se nele toda confiança: a opinião lhe pedia que dissipasse o pesadelo. Colocavam-se na dependência de seu julgamento. Crookes, para descansar, teve o mal de acreditar nisso e, com uma independência de espírito muito rara, começou suas experiências famosas com Daniel Dunglas Home; depois a ele foi proporcionado observar de muito perto fenômenos ainda mais surpreendentes, por intermédio da srta. Cook, que, mais tarde, tornou-se sra. Corner, que infelizmente adquiriu péssima reputação por suas fraudes evidentes e grosseiras. Aqueles que não conhecem esses trabalhos poderão encontrar em Leymarie os relatórios traduzidos do inglês e reunidos em um volume sob o título *Força Psíquica*.

Todos estamos sujeitos a nos enganarmos. Aqueles que duvidam não são aqueles que, sobre a estrada infinita da evolução, alcançaram maior avanço do que outros. Apesar das precauções minuciosas de que se rodeou, Crookes jamais pretendeu ser absolutamente infalível nessa circunstância. Mas nada conseguiu mostrar para ele de modo certo onde e como ele havia se enganado, a despeito da ira com a qual se tenta, de todos os lados, inspecionar suas experiências. Então, ele se voltou para sua primeira opinião, como ele mesmo nos dirá, em um dos discursos que seguem. Mas, muito razoavelmente, ele desdenhou dos ataques. “Se eu tivesse querido responder aos críticos, escreveu ele recentemente ao Sr. Falcomer, um espírito italiano, meu tempo inteiro de trinta anos teria passado. Eu tenho coisa melhor a fazer”.

Em todo caso, há nesse homem algo de mais belo, mais

admirável, que sua luminosa inteligência: é sua espetacular audácia. “Não falar de minhas experiências psíquicas; dizia ele a Bristol diante do Congresso da Associação Britânica pelo avanço das Ciências, seria uma covardia, e eu não me disponho a isso”.

Toda sua vida ele pensou e agiu assim. Essa conduta contrasta singularmente com a covardia comum; muitas pessoas não ousam formular uma opinião porque têm medo de que seus namorados não queiram compartilhar ou porque têm medo de perder um bom posto de trabalho que ambicionam. O que vocês querem, apesar de todas as nossas pretensões, nós não passamos de larvas de homens. Como se espantar tendo em vista que ignoramos nosso destino final? Investigar seriamente não nos provoca mais do que chateação. Varram esse problema para baixo do tapete, noventa e nove por cento de nossos contemporâneos varreriam. O último escândalo ou a última fofoca, ver a última moda ou a última orgia, eis o que movimenta interesses! Imbecis que somos! Os espíritas abusaram do grande nome de Crookes, assim como abusaram do nome de todos os verdadeiros sábios que não desdenharam de constatar por si mesmos a realidade dos fenômenos psíquicos. Mas, o que ele poderia fazer? Em todo caso, ele jamais os encorajou na criação de suas quimeras absurdas. Muitos espíritas são crianças grandes que querem compreender tudo no Universo e tudo o mais, e que, assim como as crianças, aceitam a primeira explicação.

Os católicos têm uma prece um pouco mais maçante que outros de sua crença, a ladainha: Santa Gudule, orai por nós; santo Ursulin, orai por nós etc., etc., durante horas. Os espíritas poderiam ter o mesmo, talvez ficasse assim: Sábio

Crookes, provai para nós; sábio Zöllner⁴, provai para nós etc., etc. Os argumentos exclusivamente fundados na autoridade de homens são bons para a teologia, não para a ciência. As experiências psíquicas de Crookes, Zöllner e outros devem ser para nós uma suposição de verdade, nada mais. Busquemos, de nossa parte.

Jamais esqueçamos que, desde o começo, o psiquismo se dividirá em duas grandes correntes. De início, há a corrente religiosa, a dos espíritos jovens, tomando seus desejos por realidades, não admitindo um instante que algo no Universo seja inexplicável, a corrente onde se vota em um congresso a existência de Deus a pluralidade de vozes. A segunda corrente foi a de sábios, espíritos maduros, a da Sociedade Dialética, Crookes, Gurney⁵, Myers⁶, da Sociedade para Pesquisas Psíquicas etc., etc. Esta última corrente vai se tornar o largo e majestoso rio da ciência de amanhã, a primeira retornará para o lugar de onde obteve em grande parte sua origem, às velhas mitologias.

Os pontífices da ciência de hoje, na maior parte, não terão feito nada pelo psiquismo, que eles sequer podem compreender. Mas o mundo não se renova neles. O mundo se renova como as plantas nos campos, por colheitas sucessivas. As colheitas seguem sem jamais se parecerem. Tenhamos, então, boa esperança. A caravana passa apesar dos latidos dos cães, dizem os árabes.

M. Sage

⁴ Menção a **Johann Karl Friedrich Zöllner** (1834-1882), notável astrofísico alemão — N. E.

⁵ **Edmund Gurney** (1847-1888): psicólogo e parapsicólogo inglês — N. E.

⁶ **Frederic William Henry Myers** (1843-1901) inglês pesquisador da fenomenologia psíquica — N. E.

Discurso diante da sociedade para as pesquisas psíquicas

EM 29 DE JANEIRO DE 1897,
POR **SIR WILLIAM CROOKES**, PRESIDENTE

A tarefa que sou chamado a cumprir hoje não é, a meu ver, de nenhum modo leve nem pura. Tenho consciência de que uma grande responsabilidade pesa sobre mim ao pronunciar um discurso, com a autoridade que confere o título de presidente, sobre uma ciência que, ainda que apenas iniciante, parece-me ser tão importante quanto qualquer outra ciência. As pesquisas psíquicas, tais como procuramos compreender aqui, são o embrião de algo que com o tempo pode chegar a dominar o mundo inteiro do pensamento. Essa possibilidade — eu diria melhor, essa probabilidade — não torna mais fácil minha presente tarefa. O desenvolvimento de um embrião pode ser ao mesmo tempo rápido e cheio de interesse: o homem prudente hesitará em operar suas teorias na presença do ovo antes de ter visto o pintinho. Eu queria,

entretanto, se eu puder, dizer uma palavra de encorajamento. E eu me pergunto de que tipo ela deve ser.

Existe uma conexão entre os problemas psíquicos que me interessam há muito tempo e os trabalhos originais que me foram dados em outros ramos da ciência?

Eu creio que essa conexão existe e ei-la. De todas as qualidades que me ajudaram nas minhas pesquisas psíquicas e que favoreceram minhas descobertas de ordem psíquica — descobertas por vezes inesperadas — a mais preciosa foi a minha convicção, minha convicção íntima e bem sólida, se assim eu puder dizer, de minha própria ignorância.

A maior parte dos que estudam a natureza chegam mais cedo ou mais tarde a negligenciar inteiramente uma grande parte de seu pretense capital de conhecimentos, porque eles se apercebem de que esse capital é puramente ilusório. Quando examinamos mais de perto algumas consequências familiares dos fenômenos, começamos a nos dar conta de a que ponto essas consequências ou essas leis, como as chamamos, são circunscritas por outras leis das quais não temos a menor ideia. Para mim, esse abandono de um capital ilusório foi muito longe; a teia de aranha dos falsos saberes está destruída, segundo a expressão de um autor, a ponto de não formar mais que um glóbulo quase imperceptível.

Eu não estou disposto a lamentar as limitações que nos impõe a ignorância humana. Ao contrário, eu considero a ignorância como um estimulante salutar, tenho a firme convicção de que nem eu nem ninguém pode determinar de antemão o que não existe no Universo, que nem eu nem ninguém pode dizer se tal coisa não acontece ao nosso redor a cada dia de nossa vida. E essa convicção me dá a esperança

muito reconfortante de que uma descoberta inteiramente nova e capital pode surgir em qualquer parte onde menos se imagina. Esse é o estado de um espírito perfeitamente livre que me coloca no caminho do sr. D. D. Home e me permite entrever algumas leis importantes da Matéria e da Energia, da qual muitos entre os meus colegas prefeririam ainda hoje não ter nenhum conhecimento — ao menos, eu creio. É esse estado de alma que me faz seguir os trabalhos da Sociedade para Pesquisas Psíquicas com um interesse que, ainda que um pouco acalmado pela velhice que avança e pela certeza de que inevitavelmente as descobertas se dão lentamente, é um dos sentimentos mais profundos que a vida deixou em mim. Eu vou tentar hoje utilizar esse estado de alma para varrer, o tanto que eu puder, algumas ideias preconcebidas adotadas em um campo ou outro. Essas ideias me parecem vir do que se estima estar bem acima de seu valor nossos conhecimentos verdadeiros sobre o Universo.

Eu vou começar pelo mais importante e me dirigirei de início aos que, como eu, creem que a individualidade humana sobrevive à morte. Quero assinalar uma ilusão curiosa, inveterada e muito generalizada, que consiste em representar nossa forma atual como sendo de algum modo a forma tipo da humanidade, de sorte que se existem corpos etéreos, esses corpos devem corresponder exatamente em forma e em volume a nossos corpos físicos.

Quando examinamos do ponto de vista físico uma criatura humana que chegou a seu mais alto grau de desenvolvimento, vemos que ela consiste essencialmente em um cérebro pensante; o próprio cérebro, ainda que tenha numerosas funções, é em suma um órgão transformador, o meio pelo qual

uma vontade inteligente pode agir sobre a matéria. Para comunicar com o mundo exterior, o cérebro tem necessidade, a princípio, de órgãos que o transportem de um lugar a outro, depois outros órgãos fornecem energia a fim de suprir aquele que esse mesmo cérebro dispensa no exercício de suas funções especiais. Além disso, deve-se reparar o desgaste dos tecidos, daí a necessidade dos órgãos da digestão, da assimilação, da circulação, da respiração etc., sem as quais essas funções não poderiam se realizar eficazmente. E quando refletimos que esse órgão tão complexo que é o cérebro pode trabalhar ativamente durante a maior parte de um século, um espanto nos toma ao vê-lo capaz de conservar a harmonia durante tanto tempo.

O ser humano representa a máquina de pensar e trabalhar mais perfeita que evoluiu até o presente momento sobre nossa Terra: ela se desenvolveu durante inúmeras idades em harmonia estrita com as condições ambientes, dadas na temperatura, na atmosfera, na luz, na gravidade. É estranho ver quanto se negligencia a observação das modificações profundas que levaram nossa forma a uma mudança de alguma importância em um mundo de fatores que eu acabei de enumerar. A bem dizer, muito se perguntou sobre quais seriam os efeitos das mudanças na temperatura ou na composição atmosférica, mas quase ninguém prestou atenção nas variações possíveis na gravidade. O corpo humano, que uma longa experiência e um longo hábito nos habituaram a considerar, no seu mais alto grau de desenvolvimento, como a perfeição na beleza e na graça — como “feito à imagem de Deus” — está inteiramente condicionado, quanto a sua forma, pela intensidade da gravitação sobre nosso globo. Na medida

em que se pode notar isso, essa intensidade não variou sensivelmente durante os períodos geológicos que assistiram à existência de seres animados e pensantes. É por isso que a raça humana, durante toda sua evolução, desenvolveu-se em adaptação e se submetendo estritamente a essa força preponderante, a ponto de ser difícil conceber um espaço verdadeiramente sensível fora dos limites estreitos impostos às proporções da forma humana.

Em primeiro lugar, eu quero examinar qual mudança de aspecto produziria em nós uma mudança na gravidade. Tomemos casos extremos.

Suponhamos a intensidade da gravidade dobrada. Seria preciso uma força muito mais considerável para nos manter em qualquer outra posição que não a que consiste em deitar de bruços ou de costas; seria difícil andar, correr, saltar, subir ou levar coisas. Nossos músculos deveriam ser mais fortes e o esqueleto no qual eles se ligam deveria sofrer modificações correspondentes. Para se servir de membros parecidos, seria preciso uma transformação mais rápida da matéria, seria preciso também mais alimentação, o que suporia órgãos digestivos e um aparelho respiratório maiores, a fim de permitir a massa do sangue aumentar em proporção se ventilar perfeitamente. Para que a circulação possa continuar com a força necessária, o coração deveria ser mais potente ou a distância a qual ele seria chamado a bombear o sangue deveria diminuir. Mais nutrição sendo indispensável, as dificuldades de tê-la aumentariam em proporção e a luta pela existência se tornaria mais amarga. Nossas mandíbulas devendo processar mais alimentos cresceriam em dimensão e potência; os dentes, por sua vez, teriam de se adaptar ao

trabalho extra.

Essas considerações implicam em mudanças notáveis na estrutura dos seres humanos. Dotado de um esqueleto mais espesso, os músculos mais volumosos, aparelho respiratório e digestivo maior, o corpo seria mais pesado, com mais massa. O perigo de quedas aumentando, tornaria essas modificações em nossa estrutura mais necessárias ainda. A necessidade de manter mais baixo o centro de gravidade e as grandes exigências de outras partes do organismo, tudo contribuiria a reduzir o volume da cabeça e do cérebro. Se a intensidade da gravidade aumentasse, os bípedes encontrariam muitos obstáculos para viver, admitindo-se que a raça humana se tornou bípede, muito provavelmente os animais de quatro, seis ou oito pés dominariam. A maioria dos animais seria do tipo de sáurios com pernas muito curtas, a fim de permitir que o tronco repouse comodamente no solo.

O tipo serpente adquiriria também provavelmente maior importância. Os animais alados sofreriam cruelmente. Os passarinhos e os insetos seriam atraídos para a terra por uma força irresistível; entretanto, o ar mais denso restabeleceria mais ou menos o equilíbrio a seu favor. Os colibris, as libélulas, as borboletas, as abelhas que passam quase todo seu tempo no ar, seriam raros combatentes na batalha pela existência. Por todos os lados a fecundação das plantas pela intervenção dos insetos seria contrariada, o que levaria à extinção ou ao menos à diminuição extrema de plantas entomófilas, isto é, de todas aquelas cujas flores são mais brilhantes — triste resultado que nos custaria um simples aumento da atração terrestre.

Todavia, não conhecendo outro tipo, nós continuaríamos — ao menos se pode supor — a considerar a fêmea — apesar

de seu tamanho reduzido, seus membros mais grossos, seus pés grandes, seu crânio pequeno se prolongando em mandíbulas enormes — como o tipo mais perfeito de beleza!

A atração terrestre diminuindo, geraria mudanças não menos marcantes.

Sem dispensar mais força vital do que hoje, sem transformar mais matéria em energia, nós levantaríamos cargas mais pesadas, saltaríamos mais longe, poderíamos nos mover mais rapidamente, suportaríamos um esforço muscular prolongado com menor fadiga; talvez pudéssemos voar. A transformação necessária para satisfazer o calor animal, para reparar as perdas de energia e o uso de tecidos seria menor do que a de hoje para uma mesma soma de trabalho. Menos sangue, pulmões e um órgão digestivo menor nos bastariam. Seguiriam uma série de mudanças em nossa estrutura que seriam justamente o oposto das que resultam de um aumento da força da gravidade. Todas as partes de nosso corpo poderiam acontecer sem inconvenientes menos massivos; o esqueleto poderia ser mais leve, os músculos menores, o tronco mais alongado.

Menos pronunciadas do que eu suponho aqui, essas modificações são aquelas que tendem hoje à beleza da forma. É certo que nosso senso estético continuaria a evoluir em harmonia com o novo progresso na via da graça, da esbelteza, da simetria e da altura.

É curioso observar que a vulgaridade precisamente concebeu as entidades do mal sob as formas que produziriam o aumento da gravidade; sob formas de sapos, répteis, animais rastejantes e nojentos; o próprio príncipe dos demônios é representado sob a última forma na qual talvez poderia se

acomodar um cérebro pensante acompanhado de seu conjunto de órgãos indispensáveis, se a intensidade da gravidade aumentasse até aos limites extremos compatíveis com a vida: a forma de uma serpente rastejante sobre o chão. De outro lado, os tipos de beleza mais elevados são justamente os que seriam comuns se a intensidade da gravidade diminuísse.

A “deusa da nobre estatura” e o leve ginasta nos agradariam justamente devido ao triunfo insignificante sobre a atração terrestre que supõe o tamanho da primeira e os saltos do segundo. Na verdade, nós não admiramos a pulga como deveríamos, cujo triunfo sobre a gravidade, ainda que ela não tenha asas, é tão surpreendente. Por mais maravilhosa que ela seja, o corpo da pulga é, como a nossa, estritamente condicionada pela gravidade.

Mas a imaginação popular concebe os seres espirituais como totalmente independentes da gravidade e não conservamos deles mais do que a forma e as proporções que outrora determinou a gravidade e que a gravidade sozinha pode provavelmente manter.

Se existem seres espirituais, quando eles se tornam visíveis a nossa observação física ou a nossa percepção interior, o objetivo que eles têm não seria atingido se eles não aparecessem sob uma forma que permitisse seu reconhecimento; é por isso que eles tomam a forma do corpo e das roupas as quais somos habituados. Eu não posso deixar de acreditar que a Matéria, a Forma, o Espaço não são mais do que condições temporárias da vida presente. É difícil conceber seres espirituais tendo um corpo como o nosso, condicionado pela atração terrestre, com órgãos que supõem a necessidade de alimento e de evacuar a matéria. Também é difícil, presos

como somos nas ideias do mundo material, conceber a Inteligência, o Pensamento, a Vontade existente para além da Forma e da Matéria como para além dos entraves da gravidade e do espaço.

Essa maneira de conceber a constituição da matéria que Faraday⁷ preferia à opinião corrente é exatamente a maneira pela qual me representa a constituição de um ser espiritual. Esse ser seria um centro de inteligência, de vontade e de energia podendo penetrar todos os outros, preenchendo completamente o que chamamos de espaço, conservando sua individualidade própria, a persistência de seu eu e sua própria memória.

Agora, esses centros inteligentes de diversas forças espirituais que, adicionando-se, constituem o caráter ou o karma⁸ de homem, associam-se de alguma maneira com as formas de energia que, agrupadas em torno de um centro, formam o átomo material. Em outros termos, as entidades espirituais são materiais, não no sentido grosseiro entendido por Lucrèce⁹, mas no sentido entendido pela inteligência penetrante de um Faraday.

Eis um desses mistérios que ficam talvez impenetráveis para os mortais. A especulação que vou trazer agora é mais difícil, ela se dirige àqueles que não somente concebem um mundo invisível de uma maneira muito terrestre, mas que negam mesmo a plausibilidade — ver a possibilidade — da

⁷ Menção a **Michael Faraday** (1791-1867), respeitado químico e físico inglês — N. E.

⁸ Palavra sânscrita introduzida no Ocidente sobretudo por teósofos. Ela significa o destino do homem tal qual está determinado a avançar, não por uma força exterior a nós, mas pelo conjunto de nossos traços de caráter, traços desenvolvidos ou adquiridos pela evolução. Essa palavra é útil, mas é uma pena que se tenha de ir buscá-la tão longe.

⁹ Em referência ao poeta e filósofo romano **Lucrécio** (99 a.C. - 55 a.C.), que acreditava que a alma era mortal, sendo que depois do decesso resta dela o simulacro (*simulacrum*), espécie de fantasma que assombra os vivos — N. E.

existência de qualquer mundo invisível. Eu lhes respondo: é, de todo modo, um mundo invisível, na fronteira do qual nós estamos e cuja existência pode ser demonstrada. Eu não falo de um mundo imaterial ou espiritual. Eu falo do mundo dos infinitamente pequenos que devem ainda ser chamados de um mundo material, ainda que a matéria tal qual existe ali ou tal qual é concebida seja algo que nossas faculdades limitadas não podem compreender. É o mundo — eu não diria forças moleculares em oposição ao mundo de massas — mas o mundo de forças cuja ação está em grande parte além dos limites da percepção humana em oposição às forças que aparecem nitidamente à grosseira percepção de nossos organismos. Eu acabo de conceber e lhes fazer conceber as diferenças nas pretensas leis do Universo que bastariam para introduzir uma diferença no volume do observador. Eu não tentarei igualar o grande satírico¹⁰ que, nas *Viagens de Gulliver*, tendo como postulado uma diferença no tamanho humano um pouco menor ou maior do que aquele que suponho, mostrou a relatividade, ver o absurdo, os muitos detalhes de nossos costumes, de nossa política, de nossa sociedade.

Mas eu me sinto encorajado pelo exemplo daquele que me precedeu nessa função de presidente, professor William James, da Universidade de Harvard, a quem citarei mais adiante uma alegoria que é precisamente da natureza daquela que eu necessito.

Então, é preciso que os senhores suponham comigo, por um instante, a existência de um homúnculo, ao redor do qual estariam minhas especulações. Eu não o colocarei em meio a

¹⁰ Em alusão ao escritor irlandês **Jonathan Swift** (1667-1745), autor do clássico *As Viagens de Gulliver*, de evidente estilo irônico e satírico — N. E.

interação de moléculas, pois eu seria bem capaz de imaginar seu ambiente, mas eu o faria de um tamanho tão microscópico que as forças moleculares que ordinariamente nos escapam — tais como a tensão superficial, a capilaridade, os movimentos Brownianos¹¹ — tornam-se para ele preponderantes a ponto de que vale crer, por exemplo, na universalidade da gravidade, que por hipótese nossa, seus criadores lhe revelaram.

Coloquemo-lo sobre uma folha de repolho e o abandonemos a sua própria sorte. A superfície da folha de repolho parece um plano imenso, de muitas milhas quadradas. Por ser minúsculo, a folha é constelada de grandes globos brilhantes, transparentes e imóveis; cada um desses globos é mais alto para ele do que as pirâmides são para nós, cada um raiando para uma das faces uma luz deslumbrante. Movido pela curiosidade, nosso homúnculo se aproxima, toca um desses globos e o percebe resistente à pressão como uma bala de borracha. Acidentalmente, ele é destacado da superfície. Logo ele se sente tomado e levado em um turbilhão, depois ele se encontra em equilíbrio, embaraçado na superfície da esfera e totalmente incapaz de se desprender. Depois de uma ou duas horas de espera, ele percebe que o globo diminui, finalmente desaparece e eis nosso herói livre para continuar sua viagem. Abandonando a folha de repolho, ele vai à superfície do chão, que é para ele plena de rochas e montanhas. De repente, ele percebe adiante uma vasta superfície composta do mesmo elemento que há pouco formava os globos da folha de repolho. Mas ao invés de se elevar como antes, no ar, eis esse elemento que se inclina a partir da margem em uma imensa curvatura

¹¹ Movimento aleatório das partículas suspensas num fluido (líquido ou gás), resultante da sua colisão com átomos rápidos ou moléculas no gás ou líquido, conforme a teoria do físico e botânico escocês **Robert Brown** (1773-1858) — N. E.

côncava para parecer horizontal mais longe, ainda que, visto à distância, nosso homúnculo não possa assegurar que essa horizontalidade não passa de uma ilusão. Suponhamos agora que o pequeno ser tem à mão um recipiente tendo com seu tamanho minúsculo a mesma relação que uma garrafa de mais ou menos meio litro para o tamanho de um homem comum. Graças a sua habilidade, ele conseguiu enchê-lo com água. Se ele virar o recipiente, ele verá que o líquido não cairá e que não se pode tirá-lo dali senão por meio de várias pancadas violentas. Esgotado pelos esforços que fez para esvaziá-lo, ele se senta às margens do rio e se distrai jogando pedras e outros objetos na água.

Ordinariamente, as pedras e outros objetos afundam se forem previamente molhados; se estão secos, recusam-se obstinadamente a afundar e flutuam na superfície. Ele tenta com outras substâncias. Uma barra de aço polido, um porta-caneta de prata, um fio de platina, uma pluma de aço, objetos duas ou três vezes mais densos do que as pedras, recusam-se inteiramente a afundar e flutuam na superfície como rolhas de cortiça. Bem melhor, se ele chega, ajudado por amigos, a jogar na água uma dessas enormes barras de aço que chamamos de agulhas, esta cava na superfície um tipo de cama côncava e flutua tranquilamente. Depois dessas observações e outras ainda, ele constrói teorias sobre as propriedades da água e dos líquidos em geral. Chegará ele à conclusão de que os líquidos tendem a retomar seu nível, que em repouso suas superfícies são horizontais e que os sólidos colocados nos líquidos afundam ou flutuam de acordo com sua maior ou menor densidade? Nada disso. Ao contrário, ele se fundará em sustentar que em repouso os líquidos tomam formas esféricas

ou ao menos curvilíneas, convexas ou côncavas, de acordo com as circunstâncias que não são fáceis de serem determinadas; que não se pode derramá-las de um recipiente a outro; que resistem à gravidade que, conseqüentemente, não é universal; que os corpos sólidos que ele pode manejar não afundam nos líquidos, qualquer que seja o peso específico desse corpo. Segundo a maneira pela qual se comporta um corpo colocado em contato com uma gota de orvalho, ele terá mesmo razões plausíveis para duvidar da inércia da matéria.

Nosso homúnculo já foi um pouco intrigado pelo bombardeamento caprichoso e incessante de objetos muito irritantes, parecidos com malas voando nos ares; de fato, a dança alegre das pulgas que povoam os raios de sol não serão acreditadas pelo nosso microscópico herói que não poderá saber como evitá-las. Mais ainda, parecer-lhe-á logo que se exagerou absurdamente quanto à dificuldade que experimenta em se elevar acima do solo os seres vivos desprovidos de asas, pois ele perceberá uma criatura terrível, um behemoth¹² “de couraça de cobre”, saltando pelos ares, numa busca desenfreada por uma presa e, pela primeira vez, uma homenagem merecida será feita à majestade da pulga vulgar.

Perturbado por essas incertezas, eis que ele observa durante uma noite em um lago perfeitamente calmo. Não há a menor brisa, a menor chegada de calor que possa determinar correntes e mudar a tensão da superfície.

Pequenos objetos inanimados estão imersos e tranquilos. Estão verdadeiramente tranquilos? Não. E eis um que se mexe, depois um outro.

Pouco a pouco essa conclusão se impõe a nosso

homúnculo: todas as vezes que um objeto é suficientemente pequeno, esse objeto sempre está em movimento. Talvez nosso herói fosse mais capaz do que nós de explicar esses movimentos Brownianos, como são chamados; ele não poderá talvez deixar de conjecturar que ele entrevê vagamente a estrutura íntima da matéria, que os ditos movimentos são um resto, o último resultado da agitação molecular interior, agitação que ainda não é logo desfeita como a que se passa com os agregados da matéria menos microscópica.

Nosso homúnculo reconheceria, sem dúvida, fenômenos ainda mais perturbadores. E essas interpretações tão diferentes das nossas não viriam de modo algum daquilo que a consciência de forças das quais não suspeitamos, ainda mais do desaparecimento das leis reconhecidas por nós, mas simplesmente do fato de que por hipótese esse tamanho é bastante pequeno para permitir à capilaridade, à tensão superficial etc., de ter para ele uma proeminência que têm para nós. Para os seres racionais de nosso tamanho, os efeitos dessas forças são negligenciáveis e não chamaram a atenção senão quando a ciência progrediu. Para nossos homúnculos, esses mesmos efeitos teriam uma importância capital, eles não veriam, provavelmente, que os efeitos são manifestações últimas da força da gravidade e os atribuiriam sem dúvida a uma força diferente e talvez antagônica.

A física de nossos homúnculos diferiria grandemente da nossa. Eles encontrariam, provavelmente, grandes dificuldades para estudar o calor. De fato, não se pode fazer quase nada nesse aspecto a menos que se seja capaz de aumentar ou diminuir à vontade a temperatura dos corpos.

¹² **behemoth** ou **beemote**: animal desconhecido, monstruoso, descrito no livro de Jó (40:15–24).

Isso supõe que sejamos mestres do fogo. O homem, mesmo em um grau rudimentar de civilização, sabe inflamar algumas matérias pela fricção, pelo atrito ou pela concentração dos raios do sol. Mas para que essas operações se realizem, é preciso agir sobre uma quantidade considerável de matéria, senão o calor produzido se perde por irradiação e é impossível atingir o ponto de ignição.

Assim como para a física, seria para a química para nossos liliputianos¹³, se entretanto lhe fosse possível conceber uma ciência parecida. Os fenômenos fundamentais que orientaram a princípio a humanidade na direção de pesquisas químicas são os da combustão, o que não se nega. Mas, nós acabamos de ver, nossos seres minúsculos não poderiam produzir o fogo voluntariamente, exceto em meio a algumas reações químicas. Eles teriam, então, poucas chances de examinar sua natureza. Eles poderiam acidentalmente ser testemunhas de incêndios de florestas ou erupções vulcânicas, mas fenômenos tão grandiosos e desastrosos, mesmos que próprios para revelarem para nossos liliputianos a existência da combustão, não se moveriam em nada a uma pesquisa das causas e dos resultados. De outro lado, se nós nos lembrarmos da impossibilidade que teriam de despejar água de um recipiente e outro, compreenderemos que eles deveriam ignorar completamente as operações da análise química e todas as manipulações que demandam o emprego de ventosas.

Passemos agora ao extremo oposto e nos perguntemos como pareceria a natureza a nossos seres humanos de enorme tamanho. Suas interpretações errôneas seriam o contrário das

¹³ Na obra *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, os liliputianos ou lilliputeanos são os minúsculos habitantes da fictícia ilha Lilliput (referência satírica ao povo inglês) que agiu traiçoeiramente contra Gulliver (o visitante gigante) — N. E.

dos pigmeus. A ação capilar, a coesão dos líquidos, a tensão superficial, a curvatura das superfícies líquidas próximas às bordas, a gota de orvalho, a maneira de um corpo minúsculo se comportar em um glóbulo de água, os metais flutuando sobre a água, todos esses seriam fenômenos ignorados por eles. Para o homúnculo, capaz de um esforço mecânico fraco, os corpos seria mais duros que para nós, enquanto que nossos colossos mal seriam detidos por rochas de granito.

Haveria ainda uma outra diferença notável entre esses enormes e nós. Se baixarmos e tomarmos uma porção de terra entre o polegar e os outros dedos, movendo nossa mão com uma rapidez de alguns centímetros por segundo, não provaríamos nada demais. A terra que temos oferece um pouco de resistência, mais ou menos segundo seu grau de coesão, mas é tudo. Suponhamos a mesma ação realizada por um de nossos gigantes capaz de mover sua mão com uma rapidez de alguns quilômetros por segundo, este experimentaria uma reação muito forte. Essa massa de areia, de terra, de pedras e outros materiais do mesmo tipo, lançada em tal quantidade e com tal velocidade, chegaria a uma temperatura muito alta. Nosso homúnculo não chegaria ao ponto de ignição; nossos gigantes não poderiam se mover sem levar o desenvolvimento de um grau de calor muito incômodo, que torna os objetos positivamente insustentáveis. Nosso gigante atribuiria naturalmente ao granito e aos outros elementos constitutivos da crosta terrestre a propriedade que o fósforo tem para nós, a de entrar em ignição quando alguém o manipula um pouco mais rudemente.

É necessário seguir meu desenvolvimento? Não. Uma vez que uma variação possível, muito admissível, de uma só das

forças condicionante da forma humana, a força da gravidade, poderia modificar nossa aparência exterior e as proporções de nosso corpo a ponto de fazer de nós uma espécie de seres inteiramente diferentes do que somos; uma vez que uma diferença em nosso tamanho seria suficiente para nos fazer ver alguns dos fatos mais familiares da física e da química sob um aspecto tão diferente; uma vez que os seres microscópicos ou outros prodigiosamente grandes, pelo simples fato de seu tamanho, estariam sujeitos a falsas interpretações que assinalai e outras que eu poderia assinalar, porque nós, ainda que estejamos em um meio que nos pareça justo, não o seríamos pelo fato somente de nosso tamanho e de nossos pesos expostos a interpretações errôneas das quais escaparíamos se nós, ou o globo em que habitamos, fôssemos maiores ou menores, mais pesados ou mais leves? Nosso saber, do qual somos tão fiáveis, pode perfeitamente não ter valor senão em nosso meio; ele pode perfeitamente ter uma parte de subjetividade que nós não conseguiríamos ter ideia.

É aqui que eu introduzo a alegoria do professor James¹⁴, a quem aludi momentos acima. Trata-se de alterações possíveis no sentido da durabilidade, devidas a uma diferença na rapidez da sensação experimentada por um homem localizado, por hipótese, sobre um degrau mais elevado do que nós na escala dos seres: “Nada se opõe ao que nós imaginamos dos seres podendo diferir enormemente de nós pela percepção consciente de elementos da durabilidade e pela tenacidade dos eventos que compõem essa durabilidade. Von Baer realizou cálculos muito interessantes sobre as mudanças que teriam essa diferença no aspecto da natureza. Suponhamo-nos

capazes, no espaço de um segundo, de notar distintamente 10.000 eventos ao invés de 10, como hoje. Se nossa vida não deve conter senão o mesmo número de impressões, ela poderia ser mil vezes mais curta. Nós viveríamos menos de um mês e, por experiência pessoal, não saberíamos nada sobre as mudanças das estações. Se tivéssemos nascido no inverno, creríamos no verão como cremos hoje nos calores do período carbonífero. Os movimentos de seres organizados seriam tão lentos para nossos sentidos que nós não os veríamos e não conheceríamos senão por indução. O sol se tornaria imóvel nos céus, a lua não teria fases e assim por diante. Reviremos agora a hipótese e suponhamos um ser que não tem mais do que a milésima parte das sensações que temos em um dado tempo; ele viveria, conseqüentemente, 1000 vezes mais do que nós. Os verões e os invernos lhe pareceriam quartos de hora. Os cogumelos e as outras plantas de rápido crescimento surgiriam tão bruscamente que eles lhe pareceriam como produções instantâneas; as plantas anuais cresceriam e cairiam sem descanso, como borbulhas de uma fonte mineral. Os movimentos dos animais seriam tão invisíveis para ele como são para nós os movimentos das balas e projéteis; o sol atravessaria o céu como um meteoro deixando para trás uma trilha de chamas etc. Quem nos diz que não existe nada parecido no mundo animal?”. Permita-me deduzir dessa concepção a impossibilidade para nós de suspeitar do avanço dos segredos que contém o Universo e os agentes que podem estar em ação ao nosso redor. A telepatia, a transmissão do pensamento e imagens diretamente de um espírito a outro sem o concurso de órgãos do sentido, é uma concepção nova,

¹⁴ William, James. *Princípios de Psicologia*, vol. 1, p. 639.

estranha à Ciência. A julgar pela lentidão relativa com a qual as provas que nossa Sociedade tem acumulado penetram no mundo científico, é mesmo aí, creio eu, uma concepção que cientificamente repugna a muitos espíritas. Nós fornecemos provas experimentais contundentes, mas poucos intelectuais ousaram repetir nossas experiências. Nós reunimos montanhas de observações de casos espontâneos, tal como aparições no momento da morte; mas, todas essas provas não produziram no mundo científico mais do que a impressão de provas bem menos cautelosas reunidas e bem menos coerentes que as produzidas em outros casos. Não somente não refutou nossas provas, sequer as examinaram. Elas não foram sequer consideradas, como se houvesse *a priori* algo grandemente improvável que dispensasse ao mundo intelectual de tomá-las em conta. Eu não vejo, de minha parte, essa improbabilidade *a priori*.

Nossos fatos podem ser verdadeiros de todas as maneiras sem ir ao encontro de nenhuma verdade já reconhecida. Vou me ater a uma maneira possível de explicá-las, não que eu a considere como a chave de todos os fenômenos novos que eu tomo por autênticos, mas porque eu espero assim lançar um pouco de luz sobre alguns desses fenômenos. É presumível que todos os fenômenos do Universo formem uma cadeia sem solução de continuidade. E certos fatos tomados por assim dizer nas entranhas da natureza nos seriam provavelmente úteis para descobrir pouco a pouco outros fatos ainda mais profundamente enterrados.

Consideremos, então, as vibrações das quais seguimos os traços, não apenas nos corpos sólidos, mas ainda no ar e de uma maneira mais marcante ainda, no éter. Essas vibrações

diferem em velocidade e frequência. Temos sólidas provas da existência dos movimentos vibratórios variando de uma vibração por segundo a dois quatrilhões. Esses movimentos são utilizados para transportar aos organismos vivos as impressões vindas de fora, isso é fácil de reconhecer. Como ponto de partida, eu tomo um pêndulo que marca os segundos. Se eu for dobrando, obterei uma série de graus como a seguir:

Ponto de partida		Pêndulo de segundos	Vibrações
Grau	1	2	por segundo
	2	4	
	3	8	
	4	16	
	5	32	
	6	64	
	7	128	
	8	256	
	9	512	
	10	1 024	
	15	32.768	
	20	1 048.576	
	25	33.554.432	
	30	1 073.741.825	
	35	34.359.738.368	
--	40	1 099.511.627.776	
--	45	35.184.372.088.832	
--	50	1 125.899.906.842.624	
--	55	36.028.707.018.963.968	
	56	72.057.594.037.727.936	
	57	144.115.188.075.855.872	
	58	288.220.376.151.711.744	
	59	576.440.752.303.423.488	
	60	1 152.881.504.606.846.976	
--	61	2 305.763.009.213.693.952	
--	62	4 611.526.018.427.387.904	
--	63	9 223.052.036.854.775.808	

No quinto grau a partir da unidade, há 32 vibrações por segundo, atingimos a região onde as vibrações atmosféricas se revelam sob a forma de som.

Temos aqui a nota musical mais baixa. Durante os 10 graus que seguem, as vibrações por segundo se elevam de 32 a 32.768 e a região de sons termina aí para a média de ouvidos humanos. Mas animais melhor dotados ouvem provavelmente sons mais agudos para nossos órgãos, quer dizer, sons formados por um número maior de vibrações. Entramos em seguida em uma região onde as vibrações se elevam rapidamente e onde o meio que vibra não é mais a grossa atmosfera, mas um meio bem menos denso, um “ar mais divino”, chamado éter. Do décimo sexto ao trigésimo quinto grau, as vibrações se elevam de 32.768 a 34.359.738.368 por segundo e essas vibrações aparecem a nossos meios de observação sob a forma de raios elétricos.

Atingimos em seguida uma região que se estende do 35º ao 45º grau, indo de 34.359.738.368 a 35.184.372.088.832 vibrações por segundo. Essa região pode ser tida como desconhecida, porque ignoramos ainda quais são as funções dessas vibrações, ainda que seja bem evidente que elas as tenham.

Aproximamo-nos agora da região da luz que vai do 45º ao 50º ou ao 51º grau. O número das vibrações varia de 35.184.372.088.832 (raios de calor) a 1.875.000.000.000 por segundo. Estes últimos são raios do espectro mais alto que já se observou. A verdadeira sensação de luz e por conseguinte as vibrações que tornam os objetos visíveis são compreendidas nos estreitos limites de mais ou menos 450.000.000.000.000 (raios vermelhos) a 750.000.000.000.000 (raios violetas) vibrações por segundo – menos de um grau.

Abandonando a região da luz visível, chegamos ao que é,

para nossos sentidos e meios de investigação, uma outra região desconhecida, mas da qual começamos a entrever as funções. Não é improvável que os raios X do professor Roentgen se encontrem entre o 58º e o 61º grau, com as vibrações indo de 288.220.576.151.711.744 a 2.305.763.009.213.693.952 por segundo ou mesmo mais alto.

Nessa série notaremos grandes brechas, vastas regiões desconhecidas, compreendendo vibrações cujo papel na economia da criação é inteiramente ignorado por nós. Se existe, acima de classes que acabei de mencionar, vibrações ainda mais frequentes por segundo, isso eu não tentarei decidir.

Mas é prematuro se perguntar que conexão pode haver entre as vibrações e o pensamento ou a transmissão deste? Quase se teria o direito de assumir que à medida que elas aumentam de frequência as vibrações respondem a funções cada vez mais importantes. A alta frequência das vibrações traz aos raios muitas qualidades requeridas pela concepção de "ondas partidas do cérebro": ninguém nega. Assim, os raios que são por volta de 62 graus são tão menores que deixam de ser refratados, refletidos ou polarizados. Eles atravessam muitos pretensos corpos opacos e as pesquisas começam a mostrar que os mais rápidos dentre eles são justamente os que passam mais facilmente através das matérias densas. Não é preciso muita imaginação ao sábio para que conceba que no 62º ou 63º grau os obstáculos, contra os quais os raios do 61º grau tiveram de lutar para conseguir passagem, não existem mais para os raios atingindo a frequência enorme de 9.223.052.036.854.775.808 vibrações por segundo, que esses raios atravessam o meio mais denso sem sofrer uma

diminuição de intensidade sensível, que eles seguem seu caminho com a velocidade da luz quase sem ser refletidos nem refratados.

Ordinariamente, nós nos comunicamos nossos pensamentos pela linguagem. De início, eu traço em meu cérebro o quadro da cena que eu quero descrever e, em seguida, em meio a uma transmissão metódica através da atmosfera de ondas vibratórias vindas de minhas cordas vocais, eu transporto o mesmo quadro no cérebro de alguém a uma orelha capaz de registrar essas vibrações. Se a cena que eu quero comunicar ao cérebro de meu ouvinte é complicada, ou se ela está mal definida em meu próprio cérebro, a transmissão será mais ou menos imperfeita. Mas, se eu quero simplesmente que meu ouvinte tenha representado algum objeto muito simples, como um triângulo ou um círculo, a transmissão aproximará da perfeição e as ideias serão igualmente claras para o orador e para os ouvintes. Aqui, nós nos servimos das vibrações de moléculas atmosféricas para transportar o pensamento de um cérebro a outro.

Com os raios de Roentgen novamente descobertos, nós somos introduzidos a um domínio de vibrações extremamente pequenas em comparação daquelas que conhecemos até hoje. Suas dimensões são comparáveis às distâncias que separam entre eles os centros de átomos dos quais nosso Universo é composto. E nada nos permite supor que tenhamos atingido o limite extremo da frequência. Ondas desse caráter perderam muitas das propriedades de ondas luminosas. Elas são produzidas no mesmo meio do éter e se propagam provavelmente com a mesma velocidade que a luz, mas aí se limita a semelhança. Elas não são regularmente refletidas

pelas superfícies polidas. Elas não são refratadas passando de um meio a outro mais denso e elas atravessam o vazio¹⁵, não são homogêneas e consistem em um feixe de diferentes comprimentos de onda, análogos ao que seria de diferenças de cores, se pudéssemos vê-los como a luz. Há os que passam facilmente através do calor, outros que são em parte detidos por ossos, outros que atravessam com igual facilidade ossos e calor.

Por que esses raios não serviriam para transmitir o pensamento? Parece-me que com alguns postulados muito razoáveis eles poderiam dar a chave de muitos fenômenos obscuros que encontramos nas pesquisas psíquicas.

Admitamos que esses raios ou raios devidos a vibrações da mais alta frequência podem penetrar no cérebro e agir sobre algum centro nervoso. Suponhamos, além disso, que o cérebro contém um centro que os gera como as cordas vocais geram as vibrações sonoras — esse centro sendo como as cordas vocais às ordens do pensamento — e os projeta para fora com a velocidade da luz para ir impressionar o gânglio receptor de outro cérebro. Dessa maneira, alguns fenômenos da telepatia e da transmissão do pensamento entre sensitivos, independentemente da distância, entram no domínio das leis conhecidas e podem ser admitidos.

O sensitivo seria então um homem que teria as glândulas de recepção ou de transmissão telepática muito desenvolvidas ou que pelo exercício se tornaria mais sensível às ondas em questão. A experiência parece demonstrar que as glândulas transmissoras e receptoras são raramente do mesmo grau de desenvolvimento; uma pode ser mais ativa do que a outra,

¹⁵ Tubo comumente chamado de *tubo de Crookes*, na França.

como a glândula pineal no homem, está em estado rudimentar. Com essa hipótese, não violamos nenhuma lei da física e não é necessário invocar aquilo que ordinariamente se chama de sobrenatural.

Quanto a essa hipótese pode-se objetar que as ondas cerebrais, como todas as outras, devem obedecer às leis físicas. É daí a facilidade e a certeza de que a transmissão do pensamento deveria diminuir à medida em que a distância entre o agente e o percipiente cresce e haveria um momento em que essa transmissão não aconteceria mais. Pode-se também argumentar que, se as ondas cerebrais se difundem em todas as direções, elas deveriam impressionar a todos os sensitivos que estão em seu raio de ação, ao invés de impressionar apenas um. Que não se busque uma analogia no telégrafo elétrico, pois aqui há um fio metálico que conduz a energia ao destino.

Essas são as objeções sérias, mas eu não as creio intransponíveis. Longe de mim a ideia de falar desrespeitosamente sobre a lei do quadrado da distância, mas eu me sinto desde já compelido a mostrar que temos de ter atenção aqui às condições que se afastam de nossas concepções estreitas e grosseiras sobre o espaço, a matéria e a forma. Não é inconcebível que um pensamento intenso dirigido a um sensitivo, com o qual aquele que pensa está em um estado de simpatia estreita, possa determinar uma cadeia telepática de ondas cerebrais, ao longo da qual a mensagem iria direto a seu alvo, sem perda de energia pelo efeito da distância. Também não é inconcebível que nossas ideias terrestres sobre espaço e distância não tenham razão de ser em regiões sutis do pensamento imaterial, onde o “longe” e o

“perto” perderam seu significado.

Eu repito que essas são concepções totalmente provisórias. Eu as arrisco esperando melhor. Talvez chegue o tempo em que nós poderemos submetê-las à pedra de toque da experimentação. Eu tenho uma outra reflexão a fazer concernente à conservação da energia. Dizemos com razão que a energia se transforma, mas não se perde; que todas as vezes que nós podemos seguir suas transformações, constatamos que não houve diminuição nem aumento. Enquanto nossos cálculos grosseiros nos permitem julgá-la, isso é verdadeiro para a matéria inorgânica e para as forças mecânicas. Mas não é mais do que uma verdade de indução quando se trata da matéria organizada e de forças vitais. Não podemos exprimir a vida com os termos que servem para o calor ou o movimento. Então, até o momento em que seria o mais interessante de seguir com precisão a transformação da energia, acontece que nós não podemos mais estar seguros de que uma energia nova não foi introduzida no fenômeno.

Examinemos isso um pouco mais de perto.

Os físicos sempre compreenderam e o Dr. Croll especialmente bem destacou que há uma grande diferença entre produzir um movimento e lhe dar uma direção desejada. A produção do movimento, nas massas como nas moléculas, é governada por leis físicas, que o sábio se esforça para descobrir e coordenar. A lei da conservação da energia domina todas as outras; é um artigo de fé científica que cada ato realizado encadeia a transformação de uma quantidade de energia correspondente. Nenhum trabalho pode se fazer sem que uma quantidade correspondente de energia de outra natureza não seja inteiramente utilizada. Mas, para nós, o

outro lado do problema é ainda o mais importante. Uma vez admitida a existência de um certo movimento molecular, o que é que determina sua direção na tal via mais do que em outra? Um peso cai sobre o solo de uma altura de três pés. Eu o levanto e o deixo cair novamente. Nesses movimentos, uma certa soma de energia foi dispensada quando eu levantei o peso e a mesma soma é liberada quando ele caiu. Mas ao invés de deixar cair livremente, suponhamos que eu o engrene em um sistema de peças complicadas e que ao invés de lhe permitir cair em uma fração de segundos, eu distribuo seu movimento de queda sobre um espaço de vinte e quatro horas. Eu não dispenso mais energia para levantar meu peso e, durante sua queda lenta, a mesma quantidade de energia se solta quando em queda livre. Entretanto, eu lhe dei um trabalho diferente. E eis que move um relógio, um telescópio, ou qualquer outro instrumento de laboratório. Eis que faz isso que chamamos de trabalho útil. O relógio para. Eu levanto o peso dispensando a soma desejada de energia e nesse ato a lei da conservação de energia é escrupulosamente respeitada. Mas agora eu tenho a escolha entre deixar meu peso cair livremente em uma fração de segundos ou de obrigá-lo a cair em vinte e quatro horas por meio das peças. Eu estou livre e, qualquer que seja minha decisão, a mesma quantidade de energia se soltará para a queda do peso. Eu acendo um fósforo; eu posso me servir dele para acender um cigarro ou para colocar fogo na casa. Eu envio um telegrama; ele pode, seguindo o caso, anunciar simplesmente que eu chegarei atrasado para o jantar ou pode determinar na Bolsa flutuações que arruinarão milhares de homens. A força dispensada para acender o fósforo ou para escrever o telegrama é governada

pela lei da conservação de energia; mas o lado mais importante, o motivo que fixa as palavras de que me sirvo ou a matéria à qual eu coloco fogo, esse lado escapa a essa lei. A direção que se dá à força não exige provavelmente nenhuma dispensa suplementar de energia. O pensamento é o livre arbítrio entrando aqui em jogo e essas forças misteriosas estão além da lei da conservação de energia tal como os físicos a entendem.

O universo inteiro, tal como o percebemos, é o resultado do movimento molecular. Os movimentos moleculares se conformam estritamente à lei da conservação de energia, mas isso a que chamamos “lei” é simplesmente uma expressão do sentido segundo o qual age uma forma de energia. Nós podemos explicar os movimentos moleculares como esses das massas, nós podemos descobrir todas as leis físicas do movimentos, mesmo assim nós não estaremos menos distantes do que nunca da solução do problema mais importante: que tipo de vontade e de pensamento pode se encontrar por trás dos movimentos das moléculas, forçando-as a seguir um sentido anteriormente traçado? Qual é a causa determinante que agiu na cena? Qual combinação de vontade e de pensamento guia, para além de nossas leis físicas, a agitação puramente mecânica de átomos de maneira a lhes fazer formar esse mundo material onde vivemos?

Nessas últimas frases, foi com a intenção de que eu me sirva de palavras de grande significado que eu falei de direção ao longo dos sentidos traçados.

Ser vago nesse tema é ser sábio, pois não podemos absolutamente dizer se em tal circunstância um poder exterior não pode produzir uma mudança no sistema atual das forças

terrestres. Nós não podemos mais estar seguros de que, viajando em um trem expresso, eu possa estar seguro de que nenhum direcionador não influenciou para dirigir o trem sobre tal ou qual via. Eu posso calcular exatamente a quantidade de carvão queimado por quilômetro, de maneira a poder dizer a cada minuto quantos quilômetros cobrimos, mas a menos que eu possa ver sem interrupção as agulhas da via, eu não posso dizer se elas foram manobradas ou não, antes da passagem do trem.

Um ser muito potente poderia regradar o curso desse Universo sem que nenhum de nós pudesse jamais descobrir as saídas escondidas. Não haveria necessidade, por isso, de parar o sol acima de Gibeão. Ele poderia fazer tudo que quisesse para uma dispensa infinitesimal de força produzindo modificações ultra microscópicas sobre o germe humano.

Eu não tentei, nesse discurso, acrescentar a menor parcela aos conhecimentos, precisos creio eu, acumulados pouco a pouco por nossa Sociedade.

Ficarei contente se conseguir tirar algumas pedras de tropeço científicos, se eu puder assim me expressar, que tendem a impedir colaboradores eventuais de se aventurarem sobre essa nova e ilimitada rota.

Eu não vejo razão para que um homem de ciência feche os olhos para os nossos trabalhos e os descarte deliberadamente. Naturalmente nossos Anais não são o paralelo exato dos Anais de uma sociedade que se ocupa de uma ciência assentada há muito tempo. Foi preciso um início a toda pesquisa. Há muito de provisório conosco, muita coisa errada. Mas é assim, e somente assim, que cada ciência se firma.

Eu ousou afirmar que tanto pelo registro cauteloso de fatos

novos e importantes quanto pelo interesse que esses fatos oferecem, os trabalhos e as publicações de nossa Sociedade formarão o prefácio inestimável de uma ciência mais profunda que nenhuma daquelas a que esse planeta já viu eclodir, tanto pelo conhecimento do homem quanto pelo da natureza e de outros mundos dos quais ainda não temos nenhuma ideia.

*Fragmento do discurso
proferido em 1898, em
Bristol*

NO CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRITÂNICA
PELO AVANÇO DAS CIÊNCIAS,
POR **SIR WILLIAM CROOKES**, PRESIDENTE

Nenhum incidente de minha carreira científica é mais universalmente conhecido do que a parte que eu tomo, já há muitos anos, de certas pesquisas psíquicas. Trinta anos se passaram desde que eu publiquei os relatos de experiências¹⁶, procurando demonstrar que existe uma força utilizada por Inteligências outras que não as ordinárias Inteligências humanas. Esse episódio de minha vida é naturalmente bem conhecido dos que me deram a honra de ser convidado a me tornar seu presidente. Há talvez em meu auditório algumas pessoas que se perguntam curiosamente se falarei dele ou se guardarei sigilo. Eu falarei, ainda que brevemente. Não tenho o

¹⁶ Esses relatos foram reunidos em um volume e traduzidos para o francês por J. Alidel, sob o título de *Força Psíquica*. P. G. Leymarie, editor, 42, rua St. Jacques.

direito de insistir aqui sobre uma matéria ainda sujeita a controvérsias, sobre uma matéria que, como Wallace, Logde, Barret já mostraram, não chama a atenção da maioria dos intelectuais, meus colegas, ainda que ela seja nem um pouco indigna de discussões de congressos como este. Passar esse tema em silêncio, isso seria um ato de descuido que não tenho nenhuma tentação de cometer. Hesitar em uma pesquisa que promete ampliar os limites de nossos conhecimentos, hesitar por medo de dificuldades ou críticas hostis, isso seria lançar reprovações à ciência. O pesquisador não tem outra coisa a fazer do que seguir em frente, “explorar em todos os sentidos, parte a parte, com sua razão por tocha” a seguir a luz por todos os lados onde ela poderá conduzi-lo, mesmo quando essa luz pareça por alguns momentos um pouco fraca.

Não tenho nada a retratar. Eu afirmo minhas declarações já publicadas. Eu poderia mesmo acrescentar um bocado a elas. Em suas primeiras exposições, eu não me arrependo senão de uma certa imaturidade que, sem dúvida por direito, foi uma das causas pelas quais o mundo científico negou aceitá-las. Tudo que eu sabia naquela época se limitava à certeza de que alguns fenômenos novos para a ciência aconteciam, constatados por meus sentidos em toda sua calma e, melhor ainda, registrados automaticamente por instrumentos. Eu parecia então um ser em duas dimensões que teria chegado ao ponto singular de uma superfície de Riemann e se encontraria, de modo inexplicável, muito ligeiramente em contato com um plano de existência outro que o seu.

Hoje eu creio que eu vejo um pouco mais longe. Eu entrevejo uma certa coerência nesses fenômenos estranhos e

frustrantes. Eu entrevejo uma certa conexão entre essas forças desconhecidas e as leis já conhecidas. Esse progresso é devido em sua maior parte a uma outra associação que, este ano, tive a honra de me tornar o presidente: a Sociedade para Pesquisas Psíquicas.

Se eu apresentasse hoje pela primeira vez essas pesquisas ao mundo científico, eu escolheria um ponto de partida diferente do que escolhi outrora. Seria bom começar pela telepatia, colocando, isso que creio ser uma lei fundamental, que os pensamentos e as imagens podem ser transportadas de um espírito a outro sem o recurso de órgãos do sentido, que os conhecimentos podem penetrar no espírito humano sem passar por nenhum dos caminhos até hoje conhecidos.

Ainda que essa pesquisa nova tenha feito jorrar fatos importantes no que concerne ao espírito humano, ela não atinge ainda o ponto de certeza científica que lhe permitiria ser examinada utilmente por um de nossos comitês. Portanto, eu me limitarei a assinalar a direção na qual a investigação científica pode legitimamente se engajar. Se a telepatia existe, nós estamos na presença de dois fatos físicos: uma mudança física produzida no cérebro de A, o sujeito sugestionador, e uma mudança física análoga produzida no cérebro de B, o sujeito receptor da sugestão. Entre esses dois fatos físicos deve existir toda uma cadeia de causas físicas.

Quando se começar a conhecer essa série de causas intermediárias, então essa investigação entrará no domínio de uma das seções da Associação Britânica. Essa série de causas reclama a presença de um meio. Todos os fenômenos do Universo são, pode-se presumir, de algum modo continuados, e é anticientífico chamar a seu socorro agentes misteriosos,

enquanto que cada novo progresso da ciência nos demonstra que as vibrações do éter têm poderes e qualidades amplamente suficientes para dar conta de tudo, mesmo da transmissão do pensamento. Alguns fisiologistas supõem que as células essenciais dos nervos não estão verdadeiramente em contato, mas que estão separadas por um estreito intervalo que se alarga durante o sono e quase desaparece durante a atividade mental da vigília. Essa condição é tão singularmente parecida a de um coesor de Branly¹⁷ ou de Lodge que ela sugere uma outra analogia.

A estrutura do cérebro e a dos nervos estando parecidas, concebe-se que ali possa haver no cérebro massas de análogos coesores nervosos cuja função especial pode ser a de receber os impulsos levados para fora por uma série de ondas de éter de um tipo de grandeza apropriada. Roentgen¹⁸ nos familiarizou com um tipo de vibrações de uma pequenez extrema à vista de ondas as mais tênues das quais tínhamos conhecimento prévio e de dimensões comparáveis às distâncias entre os centros dos átomos dos quais nosso Universo material é composto. E não há razão para supor que tenhamos atingido limites extremos da frequência. Sabe-se que a ação do pensamento é acompanhada por alguns movimentos moleculares no cérebro e aqui nós temos as vibrações físicas capazes, por sua extrema pequenez, de agir diretamente sobre cada molécula, uma vez que sua rapidez se aproxima daquela dos movimentos internos e externos dos próprios átomos. Os fenômenos telepáticos são confirmados por muitas experiências convergentes e por inúmeros fatos

¹⁷ Menção ao físico francês **Édouard Branly** (1844-1940) — N. E.

¹⁸ **Wilhelm Conrad Röntgen** (1845-1923), físico alemão que produziu a radiação electromagnética nos comprimentos de onda correspondentes aos atualmente chamados raios X — N. E.

espontâneos que não se pode explicar de outro modo. As provas mais variadas são talvez dadas da análise da atividade subconsciente do espírito, quando essa atividade, acidental ou intencionalmente, é trazida do campo de observação da consciência normal.

De sua fundação, a Sociedade para Pesquisas psíquicas, em seus Anais, apresentou provas da existência de uma região que se estende abaixo do limiar da consciência normal. Todas essas provas foram pesadas e reunidas em um todo harmonioso pela genialidade de F. W. Myers. Ao mesmo tempo, nosso conhecimento dos fatos dessa obscura região aumenta bastante devido aos trabalhadores de outros lugares. Para citar apenas alguns nomes entre um grande número, os trabalhos de Richet¹⁹, de Pierre Janet²⁰ na França, de Breuer²¹ e Freud²² na Áustria, de William James na América, mostraram de maneira chocante a que ponto uma paciente experimentação podia aprofundar operações subconscientes e nos fazer compreender as segundas personalidades e os estados anormais. É claro que nosso conhecimento da atividade subconsciente do espírito tem necessidade de se estender. É por isso que nós devemos nos reservar de afirmar temerariamente que tudo que desvia da condição normal no estado de vigília é necessariamente mórbido. A raça humana não atingiu um ideal fixo e imóvel. Em todas as direções há uma evolução tanto quanto desagregação.

Seria difícil encontrar exemplos de progressos morais ou físicos mais rápidos do que certas importantes curas por

¹⁹ **Charles Richet** (1850-1935), médico fisiologista francês, prêmio Nobel de medicina em 1913 — N. E.

²⁰ **Pierre Janet** (1859-1947), psicólogo, psiquiatra e neurologista francês, considerado um dos pais da moderna Psicologia — N. E.

²¹ **Josef Breuer** (1842-1925): médico e fisiologista austríaco, um dos pioneiros da Psicanálise — N. E.

²² **Sigmund Freud** (1856-1939), célebre médico austríaco, criador da Psicanálise — N. E.

sugestão operadas — para dar ainda agora que alguns nomes — por Liébeault, Bernheim, Auguste Voisin, na França, Schrenk-Notzing, na Alemanha, Forel, na Suíça, Van Eeden, na Holanda, Wetterstand, na Suécia, Milne-Bramwell e Lloyd Tuckey, na Inglaterra. Eu não posso entrar em detalhes aqui, mas a força terapêutica assim evocada digamos que das profundezas do organismo é um bom agora para a evolução futura da humanidade.

Será preciso que passemos pelo crivo da ciência uma massa enorme de fenômenos antes que possamos compreender de fato uma faculdade tão estranha, tão desconcertante, que dura por eras tão impenetrável como a ação direta de um espírito sobre outro espírito. Essa tarefa delicada exige o emprego rigoroso do método de exclusão — um constante colocar de lado os fenômenos estranhos que se pode explicar pelas causas conhecidas, compreendidas essas causas muito familiares, as fraudes conscientes e inconscientes. As pesquisas e as experimentações nas coisas do espírito reúnem todas as dificuldades possíveis, provindo da complexidade de temperamentos humanos e de observações em que é preciso pedir o testemunho de indivíduos e que quase não se pode registrar automaticamente. Mas as dificuldades, podemos superá-las nessa linha tão frequente que vem da Pesquisa que é a psicologia experimental. Os chefes de grupos de pesquisadores, que é a sociedade para as pesquisas psíquicas, estão sempre dedicados a combinar um trabalho de crítica e desvelamento com um trabalho que deve conduzir a descobertas positivas. À penetração do espírito e à escrupulosa retidão de julgamento do professor Henry

Sidwick e de Edmond Gurney deve-se em grande parte a fixação de desejadas que devem satisfazer as provas nas Pesquisas psíquicas. Essas regras ajudarão para que o trabalho dos pesquisadores alcance maior precisão em seu campo de investigação. À profunda genialidade do Dr. Richard Hodgson devemos uma demonstração convincente dos limites estreitos em que a observação humana pode se exercer sem interrupção.

Dizem: “Nada do que valeria a pena de ser provado não pode ser nem provado nem refutado”. Esse pensamento poderia ser verdadeiro em outros tempos, mas não é mais. A ciência de nosso século forjou as ferramentas de observação e de análise com as quais o próprio aprendiz pode fazer um trabalho útil. A ciência deu à média de espíritos uma educação na precisão, hábitos de exatidão; por aí ela adquiriu forças para tarefas mais elevadas, mais vastas, incomparavelmente mais surpreendentes do que tudo o que tinha sido imaginado pelos mais sábios entre os nossos ancestrais. Como as almas no mito de Platão que seguem o carro de Júpiter, a ciência vê hoje as coisas de um ponto situado bem acima da Terra. Doravante, ela poderá ultrapassar tudo o que cremos saber quanto à matéria e descobrir algumas das leis mais profundas que governam o Cosmos.

Um homem eminente, um dos que me precederam nessa cadeira presidencial declarou: “Por necessidade intelectual, eu ampliei os limites das provas experimentais e distingo nessa Matéria que, em nossa ignorância de seus poderes latentes e apesar do pretense respeito que temos por seu Criador, até hoje cobrimos de opróbrio, a potência de criar toda a vida terrestre e a probabilidade que ela a fez”. Nos velhos tempos

egípcios, uma inscrição bem conhecida foi gravada acima do portal do templo de Isis: “Eu sou tudo o que foi, é ou será; e nenhum homem ainda elevou meu véu”. Não é assim que aos pesquisadores modernos da verdade aparece a Natureza — palavra pela qual designamos o conjunto de mistérios desviados do Universo. Firmemente, sem flexionar, esforçamo-nos para penetrar o coração dessa natureza, de saber o que ela foi e prever o que ela será.

Elevamos já muitos véus e a cada novo véu que cai, sua face nos parece mais bela, mais augusta, mais maravilhosa.

Bibliografia

Sra. Piper e a Sociedade anglo-americana sobre pesquisas psíquicas pelo Sr. Sage; prefácio de Camille Flammarion.

O psiquismo é uma ciência nova chamada aos mais altos objetivos, que foi muito negligenciada na França até hoje. Eu não diria que trabalhos muito importantes não foram feitos quanto a isso, mas o público os ignora e quase confundem tudo, desdenhosamente, sob a rubrica do espiritismo. Ora, equivoca-se. Eu não posso falar mal do espiritismo: é uma religião que pretende como todas as outras oferecer a solução completa sobre o enigma do Universo; como religião pode haver um alto valor legitimando o entusiasmo de seus adeptos, mas não é uma ciência positiva como o psiquismo.

O psiquismo pode ser definido como o estudo rigorosamente científico de todos os fatos que tendem a demonstrar que a alma é distinta do corpo e o serve. Ele não vai além e é já uma tarefa bastante bela. O psiquismo se distingue nitidamente da psicologia, mesmo experimental, como essa definição o indica sem que seja necessário insistir.

No exterior, na Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, o psiquismo já tomou um desenvolvimento considerável. Sociedades importantes, compostas por homens eminentes e hábeis cientistas, foram fundadas para estudos psíquicos; elas

entreviram horizontes tão vastos e belos que Crookes disse que essa nova ciência logo chegaria a dominar o campo inteiro do pensamento humano. Na França, estamos atrasados.

Um escritor de grande talento e um pensador de primeira ordem, Sr. Sage, pensou que teria a honra de nosso país de resgatar o tempo perdido. Seríamos nós, como nossos adversários pretendem, tão deploravelmente superficiais que os objetos verdadeiramente profundos não poderiam nos interessar? Não, se estamos atrasados, as circunstâncias apenas são a causa. Não esqueçamos jamais que a França é a terra clássica de uma ciência conexa que não disse ainda sua última palavra: o hipnotismo.

Para que uma ciência se desenvolva, é preciso que ela tenha um público que a apoie; as descobertas aconteceram quando um público numeroso as observou e perguntou por elas, quase as exigiu. Então os pesquisadores, seguros de serem compreendidos e recompensados, concentram seus esforços em um objetivo e a descoberta se faz.

É tomado por essa ideia que Sr. Sage resolveu tentar criar na França um público para os estudos psíquicos, apresentando aos leitores sob forma clara e atrativa os sérios trabalhos e importantes fatos sobre essas questões um pouco para cada lado. Obras já saíram das penas, cuja primeira, do início de 1902, foi sensação. A segunda logo que saiu parece ainda mais notável aos que já leram. Eu vou dizer uma palavra sobre cada uma.

Não acredito ser necessário dizer que é a Sociedade para Pesquisas Psíquicas. Ela é bem conhecida no mundo anglo-saxão e começa a ser conhecida também em outros lugares. Uma Sociedade que tem em sua conta um grande número de

homens os mais eminentes da ciência universal, homens como os Crookes, os William James, os Hartmann, os Pierre Janet, os Liébeault, os Richet, os Lombroso etc. etc., não poderia deixar de se impor, apesar das prevenções iniciais. Quanto à Madame Piper, ela é o que os espíritas chamam de médium e os psicólogos chamam de automatista ou sensitivo. Reprovam-se os espíritas, não sem razão, por seu estudo verdadeiramente muito superficial e rápido sobre os médiuns que eles apresentam. Estudos também viciados desde o princípio em ideias preconcebidas. Não se pode fazer a mesma reprovação à Sociedade para Pesquisas Psíquicas. Ela abordou o estudo do caso da Madame Piper sem nenhuma ideia preconcebida e esse estudo, que já dura mais que quinze anos, ainda não tem fim, e não terá fim tão cedo. São experiências pacientes e calmas, com seus resultados, que o Sr. Sage nos expõe em seu livro, cujo título eu coloquei acima.

Para dar uma ideia do valor literário da obra e da atração que ela oferece ao leitor, citarei uma passagem de um longo artigo que a consagrou o Sr. César de Vesme, um escritor dos mais distintos e conhecidos na Itália e na França:

“Sr. Sage, nessa obra, vem de imediato tomar lugar entre nossos melhores escritores das ciências psíquicas... Todos aqueles que se interessam ao que merece interesse, aqueles que não são movidos senão por um sentimento de curiosidade, encontrarão nesse livro do Sr. Sage uma obra da mais alta importância filosófica, cuja leitura tem o atrativo de um romance dos mais fantásticos e emocionantes”.

A Zona fronteira entre o Outro Mundo e este aqui, por Sr. Sage. Essa segunda obra é mais importante do que a primeira. Foi escrita nesse mesmo estilo luminoso que faz de tudo o que

sai da pluma de nosso autor um verdadeiro regalo intelectual. Desta vez, o Sr. Sage tomou por base as meditações e os trabalhos do grande sábio e filósofo alemão Carl du Prel.

Mas há muito a acrescentar.

Alguns extratos da conclusão nos indicarão nitidamente o objetivo perseguido pelo autor:

“Eu tentei, nessa obra, trazer três concepções que, a meus olhos, dominam a maior parte dos fenômenos da zona fronteira observados até aqui. Em primeiro lugar, a existência do od, ou, para ser mais exato, do estado ódico. Esse estado ódico é um estado da matéria, intermediário entre os estados sólido, líquido e gasoso, familiares a nossos sentidos, e os estados desconhecidos por nós, da matéria no mundo que sucede o nosso... Todas as doenças nervosas são acompanhadas de problemas iódicos e é agindo diretamente sobre o od que se pode esperar vencê-las. Em segundo lugar, tentei mostrar a importância dos monoideísmos²³. É o estudo dos monoideísmos que nos dará uma ideia das forças infinitas latentes na alma. A vontade, a atenção, a sugestão são monoideísmos. Enfim, em terceiro lugar, tentei demonstrar que uma alma pode perceber diretamente o pensamento. É nessa faculdade que se deve procurar a explicação da maior parte dos fenômenos do sonho e das alucinações. O psiquismo é um novo continente que pensamos ser imenso, mas sobre o qual acabamos de aterrissar. Entre os primeiros pioneiros, os entusiastas da beleza e do céu, do excêntrico e da exuberância da vegetação, deixaram-se levar talvez muito longe em suas conjecturas. Os outros, diante dessa natureza virgem e misteriosa, foram tomados pelo medo: ficaram imóveis nas

margens da nova terra, procurando no olhar o horizonte sua antiga e mesquinha pátria. É preciso que isso cesse: o tempo da descoberta passou, o da exploração e da colonização chegou. É preciso que os exércitos de colonização saiam de suas ilhas natais onde se esmagam e venham, pelo trabalho, humanizar a nova terra. De minha parte, eu os chamo em todo meu desejo, esses exploradores e colonos: eu queria muito saber mais sobre essa terra misteriosa, mas eu quero ter detalhes precisos, não posso me contentar com afirmações de marinheiros que não fizeram mais do que distanciar suas margens e que não contemplaram senão do ponto de seus navios.”

E tudo é dito na mesma linguagem clara e bem humorada. E. Sage se conforme sempre no princípio de Voltaire: É preciso saber dizer tudo na linguagem de todo o mundo.

²³ **Monoideísmo:** Ideias que ocupam todo o campo da consciência.

